

ONDE ESTÁ MURIEL

CARMELA

Maria Lúcia Silva Couto

Faculdade de Letras

Quando a manhã chega melodiosa é porque a noite foi plena.

Ainda criança, falava com o corpo. Jeito de caminhar... sorrir delícias. Olhar infantil penetrando mundo afora. Não gostava de brigar. Achava absurdo bater. Barulho. Alguém chegava, querendo saber do acontecido. Muriel tentava explicar... não chegava ao fim. Soluçava tanto e tanto se emocionava que se tornava impossível entender palavra. O verdadeiro de leve nas faces. Sempre.

Muriel cantava a vida e ritmava o sol. Ficamos nos conhecendo no passeio das dez e meia. Dona Carmosina tomava conta de nossa merenda. Sons brincadeira pulavam de flor em flor. Toda a Escola reunida.

Vacilou na lembrança. Abotoando a camisa, afastou o corpo para o lado. Olhava ainda o retrato na parede, pêndulo da memória.

Ouvimos o som das flautas. Transbordavam tons em forma de bênçãos. Muriel abriu a janela e ficou a contemplar o tempo momento de nossas vidas. Eles chegariam a qualquer momento.

Sempre acordávamos à mesma hora. Bastava o vapor levantar-se da terra, buscando nuvens esparsas. Estação pri-

mavera. Em mim, a vontade de cheirar plantas que enraízam impossíveis sonhos e mergulhar de cabeça nas emoções desenfreadas. A existência em cinco minutos.

Com a doçura dos campos, abraçou-se e disse pausadamente: «O infinito se faz presente. Vamos caminhar um pouco».

Muriel era assim

Senti o cheiro dos néctares acalentando o medo, presença constante em meu sentido. Na ponte do riacho nos avistaram. Enchentes de silêncio esperavam que a vida retomasse em seu sentido a razão do que vi. Muriel defendia o rosto com os braços. O coração batia... batia... o homem também. Não era possível calar todas as bocas de todos os corpos. Mas o medo tomava conta dos que desejavam a dor física longe de seus caminhos. Pouco a pouco iam esses adoecendo o espírito. Com os lábios, ainda me sorriu ternura; olhos de verde ilusão, abraçou os vales. Levaram Muriel. Procurei a pista, um sinal, algum caminho a percorrer...

Passeávamos juntos todas as vezes. Um dia me distanciei, olhando Muriel. Quanta clareza de sentimentos! Puxei o lençol liberto, por entre as sombras de um jasmineiro e me envolvi na sensibilidade das borboletas. Muriel presenteou-me com favos de uma colmeia esquecida. Um batalhão de formigas marchava, carregando facilmente, aos ombros, grandes pedaços de folhas. Pássaros revoavam reflexos do sol a se desfazer em cores. Adormecemos. A paz reclinava sua cabeça nos joelhos do campo verde.

A tarde se despedia quando resolvemos voltar. Os vales agradeciam nossa visita, acenando ao vento milhares de flores miúdas que começavam a bocejar.

Trazíamos alguns pêssegos

Assim, nessas circunstâncias, provei o sabor da fé.

As sombras da lua já escondiam desejos recônditos. Uma velha coruja acordava do sono antigo.

O secreto assoviar das ventanias denunciava revolta. Forças em movimento aguardavam fluxos propícios. Enquanto o eco das canções de Muriel retumbar no calor das campinas, saberei reconhecer a cor das madrugadas. Cantava um folclore do coração.

Adeus priminha
eu vou-me embora
Não sou daqui
eu sou lá de fora

A probabilidade das ilusões passageiras retém, neste divino espaço, o instante eterno. Esqueci, em passo lento, o degrau da porta.

Pé, barulho, solidão.